

OS TRÊS ROMENOS

OLIVEIRA PEDRO

OS TRÊS ROMENOS

Edições do Pó

Edições do Pó
Capa: Oliveira Pedro
Impresso por Bookmundo
oliveirapedro.net
2026

NOTA DO AUTOR

Esta nota visa esclarecer o leitor sobre as decisões que me levaram a editar através da plataforma online Bookmundo.

Por volta de 2022, quando escrevi o meu primeiro projecto (até à data não publicado e que dá, por enquanto, pelo nome de “Elias e o Carro de Fogo”, uma espécie de uma mistura entre livro de viagem e autoficção) mergulhei, em apneia, no mundo editorial português.

Foi-me preciso um pouco de tempo para perceber e descobrir o funcionamento mínimo desse meio aquático onde a fauna, mesmo que numerosa é, em grande parte, idêntica, dividindo-se basicamente em três grandes famílias: as grandes editoras, as “vanity press” e as pequenas editoras independentes. Sem necessidade de entrar em grandes detalhes sobre as orgânicas do meio editorial português que não difere muito do funcionamento de qualquer outro ecossistema cultural e artístico nacional abreviarei da seguinte maneira: numa grande editora não se entra assim do pé para a mão, ou se tem a sorte de ganhar um concurso literário, ou se fez estudos em literatura

e se é mesmo muito bom, ou conhece-se este ou aquele e pronto, está feito (a esse sujeito a editora Relógio de Água tem no seu site um bom artigo). Segundo grupo: as “vanity press” são editoras em que o escritor ou pretendente a, paga (e bem) para publicar o seu livro, daí o termo vanity de vaidade, alimentando-se do desejo, do ego, presumo também que, às vezes da ingenuidade de quem escreve e sonha em publicar um livro. O autor tem, nestes casos, de avançar com a compra de um certo número de originais ou pagar os custos associados ao serviço de impressão, por exemplo. Depois, as editoras independentes, estruturas pequenas, às vezes mesmo monoestruturas. Neste grupo existem basicamente dois tipos de editoras: aquelas que publicam novos autores portugueses e aquelas que constroem um catálogo, eclético e à imagem do seu editor, em grande parte a partir de livros traduzidos, uma espécie de curadoria do livro compondo assim uma proposta ideológica particular, de dizer que estas editoras normalmente autogerem-se e que é praticamente impossível viver dessa actividade tendo os editores outras fontes de rendimento.

Entre o tempo que levei para tentar compreender e descobrir todo este Universo e o tempo de não

encontrar quem me editasse “Elias e o Carro de Fogo” passaram-se quase dois anos e foi precisamente durante esse tempo que decidi e iniciei a escrita daquilo que considero o meu primeiro verdadeiro romance. De realçar que tive, no entanto, algum retorno sobre o meu primeiro manuscrito (tenho de o dizer em defesa de algumas destas pequenas editoras que contactei): uma disse-me que escrevia bem mas que o conteúdo não era o que eles procuravam, queria ver novas coisas, outras agradeceram, orçamentos curtos, fazer escolhas, etc. tendo tido também a sorte de ter recebido uma critica bastante constructiva da parte de um desses editores apontando-me problemas e concelhos à minha escrita, que me levaram a reflectir sobre o caminho a seguir.

A primeira versão de “Os três Romenos” foi terminada em meados de 2024, à partida abandonara toda e qualquer tentativa de procurar uma editora que o publicasse participando, no entanto e sem sucesso em dois ou três concursos literários. Durante esses tempos de espera estudei também as possibilidades da auto-edição, mas, dada distância a que me encontro da terra e lingua mãe (o que aumenta exponencialmente os custos de impressão e distribuição

do número ridículo de exemplares que possa vir a vender com isto) abandonei a ideia e foi aí que descobri a plataforma Bookmundo e a alternativa (com estas novas tecnologias) do print-on-demand (impressão à encomenda), recuso a Amazon por uma questão de princípios. Na plataforma aprendi a paginar o meu livro, criei a minha capa, projetei o meu preço, podia fazer a minha página de venda e ter o livro disponível na internet para quem o quisesse comprar e já tinha tudo quase pronto para o publicar quando na sequência de um desses concursos acabei por ter uma resposta de uma pequena editora com quem entrei em contacto e deixei a Bookmundo em “stand-by”. Não tinha sido selecionado porque o meu manuscrito era muito grande, mas depois de alguma insistência da minha parte, de ter revisitado, revisto e reduzido o livro tive a oportunidade de assinar um contrato para a sua edição.

As coisas, não são, no entanto, como nós desejamos e no meio disto tudo houve pedidos para a alteração do título do livro, objectivos de pré-venda impostos, tempos de espera enormes sem retorno e sem avisos ou opiniões sobre o manuscrito e uma capa horrível à qual a minha imagem ficaria para sempre

associada, o que me obrigou a repensar o que realmente queria levando-me a romper (com custos, evidentemente) o contrato anteriormente assinado. Arrependi-me das decisões anteriormente tomadas e de forçar algo que não era para mim. Talvez tenha ainda de aprender a largar, a deixar passar, a continuar a seguir e a sentir os meus instintos.

O que queria eu afinal, ou o que quero eu com os meus livros enfim? Importa-me assim tanto ser publicado “oficialmente” por um editor, ter livros nas pequenas livrarias independentes de Portugal, ser reconhecido pelos meus, pela sociedade cultural do burgo, sucesso, alimentação do ego, status-quo? Para vender meia dúzia de livros a alguns amigos não preciso de tanto. Não! Para vender meia dúzia de livros não precisava de tanto.

A mim, o que me interessa é o objecto em si, a obra de arte no seu todo, não me faz sentido criar um objecto que não tenha a linguagem ou represente verdadeiramente aquilo que eu quero transmitir e que não se enquadre no meu discurso artístico nem no meu Universo e de todas as editoras que descobri não existem muitas com esse perfil, talvez também não

estejam interessadas e foi por isso que me voltou esta ideia de publicar através da Bookmundo.

Para este fim criei as Edições do Pó, anagrama das minhas iniciais e micro/auto editora que me lembra do estado de onde vim e de para onde irei, cabendo-me assim, a mim, a difícil tarefa de tomar todas as decisões editoriais relativas aos meus projectos escritos (como neste caso em particular por exemplo: voltando a acrescentar ao livro a introdução de cada um dos três romenos), mas sobretudo permitindo-me de compilar e uniformizar graficamente todo o meu trabalho, bandas desenhadas, livros de artistas, romances, poemas, etc, dentro de uma única linha gráfica e editorial, disponível através da plataforma e do meu site e onde, o primeiro livro publicado é precisamente este.

Oliveira Pedro, 2026

OS TRÊS ROMENOS

*“O barco vai de saída
Adeus ó cais de Alfama
Se agora vou de partida
Levo-te comigo ó cana verde
Lembra-te de mim ó meu amor
Lembra-te de mim nesta aventura
P'ra lá da loucura
P'ra lá do Equador...”*

Fausto Bordalo Dias 1982

MARIANU NICOLAE

Marianu acordou de manhã cedo, lavou-se, fez a barba e vestiu-se, impecavelmente como sempre, enfiou pelas pernas acima umas calças bem vincadas e meteu uma camisa perfeitamente engomada parando de a abotoar quando o contacto das suas mãos se fez sentir pelo fio de ouro que lhe pendia ao peito. Calçou os seus melhores sapatos, engraxados de véspera, penteou para trás os poucos cabelos brancos que ainda lhe restavam no cimo da cabeça, vestiu o seu melhor casaco, pôs uns óculos de sol Ray-ban, pegou nas malas de viagem e saiu. Tinha por hábito ir a um dos cafés que existiam na praça central da pequena cidade romena de Odobesti, estávamos no fim de Novembro, mas a temperatura continuava anormalmente quente para aquela época do ano o que lhe permitia sentar-se no exterior, na mesa do costume, na esplanada do costume, no café costume. De costas para o café e de frente para a praça tinha vista privilegiada sobre o que se passava sob os grandes plátanos que a decoravam e a atravessavam até ao Teatro Municipal do outro lado da rua. Pediu um café, um shot de vodka e pegou no jornal. Marianu tinha feito

questão de ir um pouco mais cedo ao café nesse dia em particular, não porque a leitura das notícias regionais o interessasse realmente, mas porque sem nenhum conhecido por perto, podia aproveitar o tempo para folhear sem vergonha as páginas de anúncios de massagens e outros servicinhos que por lá pululam, disfarce barato para anúncios de prostituição com rabos e mamas à vista nas folhas do diário, e seleccionar da lista que se presenteava, as prostitutas que entravam nos seus parâmetros, nomeadamente brancas e jovens, por volta dos vinte e poucos anos que era assim que ele gostava delas, e claro está, não só claro mas estritamente necessário neste tipo de negócios chamemos-lhe assim, disponíveis a tudo, para seu deleite e divertimento. Feita a lista de potenciais prestadoras de serviços pegou no telemóvel, escolheu a que mais lhe convinha e ligou, deu as suas exigências e perguntou o preço, cem leis era o custo em moeda romena, o que dá à volta de uns vinte euros no câmbio actual, tudo ok, nada que perturbasse Marianu, o preço era acessível e dentro dos conformes no que a esses serviços dizia respeito dada a oferta e a procura do mercado. O encontro estava marcado

para essa noite, ele tinha reservado um quarto de hotel na cidade vizinha para onde se dirigiria e ficou combinado que ela iria ter com ele ao hotel por volta das vinte e uma horas.

Demorou-se ainda no café, alguns conhecidos iam aparecendo e por cada um era uma ronda de cervejas e vodka que partia ou que chegava com as risadas e as conversas a elas associadas até que, olhando para o relógio, deu por concluída a sua matiné aperitiva, a hora de almoço aproximava-se e era preciso ir buscar as crianças. Entrou no carro e conduziu até Focsani, a grande cidade da região, fez um pequeno desvio pelo hotel onde passaria a noite para deixar discretamente as malas de viagem e seguiu caminho até à sua antiga casa, agora habitada exclusivamente pela mulher e filhos, um apartamento numa das ruas centrais da cidade. Chegado ao imóvel tocou à campainha, miúdos estavam prontos para sair e mesmo se não tivessem muita vontade, lá tinham eles que ir atrás do pai, na realidade, eles já sabiam ao que iam.

O shopping, não era longe dali, no menu do dia para além do bruar e da azáfama da hora de almoço, hambúrguer com batatas fritas e coca-cola. Silviu e Aldo escutavam em silêncio o que o Marianu tinha

para lhes dizer. Aldo, o benjamim, dos seus pequenos cinco anos de idade ainda não compreendia bem o que estava a acontecer, aquela presença masculina que era o seu pai era-lhe alguém de relativamente estranho, mas Silviu, a quem Marianu dava agora em leis o equivalente a trezentos euros, não podia conter as lágrimas ao saber que o seu papá iria partir por mais um ano. Que esse modelo que ele sempre idolatrara e seguira, ausentar-se-ia por um terceiro ano consecutivo. Que ele não estaria lá para vê-lo jogar à bola todos os domingos de manhã nem acompanhar o seu progresso escolar, que ele não estaria lá para o Natal, para o Ano Novo, para a Páscoa nem para o seu aniversário, que viria só depois da escola começar de novo, no final do próximo Setembro. Marianu, por mais que quisesse convencer, a si e a Silviu, que tudo isso passaria rápido, tentava comprá-lo através de promessas, de dinheiro e presentes na vã esperança que esse gesto ajudasse a suportar e relativizar a dor dessa ausência, no entanto, os olhos vidrados e as lágrimas, que ele forçava para não saírem, acumuladas e comprimidas no canto da visão, escondidas atrás dos óculos de sol provavam o contrário.

Terminado o almoço e já com os ânimos mais leves e os miúdos apaziguados, foram passear ao parque que o tempo estava bom, jogar à bola rir, estranhamente comer um gelado naquele fim de Outono, passar o resto do tempo que os separava da despedida, antes de se começar a fazer tarde, antes de fazerem meia volta e voltarem a ser depositados na casa mãe. Marianu tentou ainda um último abraço às crianças, antes que Constanta, seca de palavras, fizesse entrar os miúdos em casa, recebesse as chaves do carro e mais uns setecentos e cinquenta leis e o relembresse simplesmente de mandar o dinheiro necessário todos os meses, que os miúdos precisavam disto e daquilo, e a escola e o futebol, e as aulas de inglês e tal, despachando-o rapidamente e fechando-lhe a porta na cara sem meias medidas.

Ao descer as escadas, Marianu enxugou as lágrimas que tinha conseguido conter orgulhosamente à porta da habitação e saiu do prédio virando a pé e caminhando um pouco ao acaso pelas ruas da cidade. Depois de um momento de deambulação, decidiu parar no parque, sentou-se numa pequena esplanada a olhar o vazio, o dia que lentamente caía e as folhas

castanhas dos plátanos que iam caindo leve, levemente como quem não chama por elas, que elas vêm por si próprias, sem pressas, arrastando-se pelo chão empurradas por uma agora pequena, mas fria brisa outonal. Organizou-se, pediu uma cerveja e um shot de vodka e ficou por ali, a ver o tempo passar.

Anoiteceu, o parque tinha-se esvaziado quando Marianu deu por si acordando dos seus pensamentos, pagou a conta, saiu e dirigiu-se para um pequeno restaurante numa esquina da avenida principal de Focsani. Num canto do restaurante a televisão acesa passava o telejornal, a bela apresentadora que conduzia o telejornal ia debitando em cascada notícias generalistas, o clima desregulado, um acidente de carro, a greve dos enfermeiros, um caso de corrupção de um ministro e ia por aí fora sem ordem e sem nexo banalizando as desgraças, apenas interrompidas por algumas curiosidades ou actualidades desportivas. Marianu ocupou uma mesa das muitas ainda disponíveis, sentou-se de frente para a televisão, pediu uma cerveja e mais um shot para atestar, e sabendo que iria ficar órfão da comida romena durante um bom período de tempo optou por um prato tradicional feito à base de pequenos rolos de couve recheados

com carne, consolando o estômago e embebendo bem o petisco com mais um par de cervejas, estas, para consolar a alma, enquanto vigiava as horas, assinaladas no canto da televisão. Do outro lado da rua, um painel luminoso assinalava a Pensão Romantic, onde iria passar a noite.

Às vinte e uma horas, uma mulher parou no passeio em frente, de saia curta olhava à volta esfregando os braços, à procura de alguém, o seu casaco não chegava para cortar o frio seco que agora se impunha na noite escura do décimo primeiro mês. Marianu, continuava dentro do restaurante, desta feita já tinha passado para o balcão onde terminava de beber mais um shot de vodka, pagou a conta e saiu, atravessou a rua e juntou-se a ela, boa noite menina, como vai, é comigo sim, vamos. Subiram até ao quarto, num segundo andar, um quarto banal, daqueles de hotel barato, uma cama de casal, umas cortinas compridas, até ao chão que escondiam a janela, um roupeiro incrustado na parede, uma mesinha, uma luz, uma televisão e pouco mais. Marianu ordenou-lhe antes do que quer que fosse que ela fosse tomar um banho, que se fosse lavar, era um hábito seu que guardava nestas ocasiões e das quais já não era

nenhum amador, ele não suportava a ideia de que ela pudesse estar suja, que tivesse tido outro cliente antes e ao menos assim garantia que com ele deitar-se-ia limpa e lavada, despiu-se por sua vez e quando ela voltou ordenou-lhe que se ajoelhasse e que lhe chupasse a pila, sim, mesmo neste tom e nestes propósitos, ajoelha-te e chupa-me a pila, disse-lhe, em romeno evidentemente, depois, penetrou-a como quis e como pode, embriagadamente, violentamente, raiosamente, brutalmente, descarregando enfim toda a sua tristeza e frustração dentro dela. Deitou-se depois na cama de barriga para cima e acendeu um cigarro, não era grande fumador, mas com o aproximar da partida tinha recomeçado a fumar, primeiro a espaços e depois mais frequentemente. Ela levantou-se e sem lhe dirigir uma única palavra dirigiu-se ao duche, lavou-se e vestiu-se. Ao sair da casa de banho tinha uma nota de cem leis pousada em cima da cama, pequeno prémio de consolação para um sacrifício de tamanha envergadura, sujeita a tudo, assombrando a alma deitada debaixo de qualquer um. Marianu, alheio aos dilemas da dignidade feminina continuava por seu lado deitado em cima da cama, nu, tinha

acendido um segundo cigarro e olhava pensativamente o vazio finando finalmente por dirigir-lhe um ultimo olhar, desta vez, no meio da turbulência vibrada dos seus olhos, um olhar de ver, era uma bela rapariga, nova, para andar nisto devia andar a pagar estudos ou qualquer coisa assim pensou, e desejou-lhe boa noite antes que ela saísse e tivesse fechando a porta atrás deixando-o de novo só com os seus pensamentos, estes, já turvos do álcool, esvaziaram-se num sono profundo depois de uns quantos cigarros e de um pouco de televisão, anestesiado pelo momento, da realidade do amanhã e do autocarro que pararia cedo pela madrugada, à porta da pensão para o recuperar, levando-o para longe, para uma outra viagem, à qual ele não poderia escapar.

IONUT VALENTIN

O dia já ia alto quando Ionut Valentin, mais conhecido naquelas bandas por Baby acordou, a festa tinha sido longa na noite anterior e a sua cabeça doía-lhe, desidratada que estava à força do álcool consumido na véspera. Baby apalpou às cegas a mesa de cabeceira apanhando, como que por uma intuição ou um conhecimento automático o telemóvel, no quarto escuro, de precianas fechadas, a luz azul e elétrica da tecnologia iluminava-lhe os olhos, também eles azuis, ainda que estes, piscassem reticentes à violência visual à qual estavam agora expostos. O engenho indicava as quinze horas, nada, que o inquietasse, sem pressas, abriu os estores e a janela e mesmo se a boca ainda empapasse de baba seca acendeu um cigarro e contemplou o céu, este, apresentava-se por sua vez limpo, apenas pincelado por algumas nuvens brancas que contrariavam a temperatura amena que ainda pairava no ar, mesmo se nos encontrássemos estranhamente no fim de Novembro. Baby voltou-se de novo para dentro do quarto, ainda de cigarro na boca escolheu umas boas calças de ganga e para o

torso, uma camisa interior branca à manga cava, sobreposta por uma camisa de manga curta, também ela branca, o tudo com os respectivos bordados anunciando a fabricação de tais peças pelas grandes marcas de alta costura, mesmo se na realidade não fossem mais do que cópias baratas de baixa qualidade, de qualquer modo, nada que o perturbasse ou que ele já não o soubesse. Saiu do quarto, felizmente que ninguém estava em casa, não tinha vontade de discutir o que quer que fosse com um dos seus irmãos ou com a sua mãe e dirigiu-se ao duche. Depois de devidamente bem lavado, barbeado e vestido, procurou qualquer coisa para comer no frigorífico, desenrascando uma sandwich de pão de forma recheada de fiambre e pickles, que se apressou a devorar, ajudado para o efeito por uma lata de cerveja barata que lhe permitia assim de reencontrar o equilíbrio mental perdido durante à noite.

Baby preparou a sua mala de viagem deixando-a arrumada no quarto encostada junto ao armário, confirmou ao tacto que a corrente de ouro ainda se encontrava pendurada ao pescoço, procurou na mesa de cabeceira a pulseira de prata recebida pela nas-

cença e refeita recentemente pela ocasião do seu vigésimo aniversário onde se encontrava incrustada numa placa o seu nome Ionut Valentin, prendeu-a com cuidado ao seu pulso direito, de lá, de cima da mesinha de cabeceira recuperou também o telemóvel, a carteira e os seus essenciais óculos escuros que lhe serviriam, assim pensava ele, para esconder o vermelho da ressaca, mas que na realidade indicavam a qualquer um que o cruzasse o seu ainda estado de embriaguez. Antes de sair de casa confirmou mais uma vez, arreganhando bem os dentes em frente ao espelho que não tinha restos de comida entalados entre os mesmos, rodou a maçaneta, abriu a porta de casa e saiu.

Do seu quinto e último andar até cá abaixo era um salto no elevador e atravessando a velha porta do prédio encontrou-se no meio de uma das ruas principais da cidade, pequena e pouco movimentada, atravessou a estrada e dirigiu-se até ao café em frente, onde trabalhava uma das suas irmãs. Baby dirigiu-se a ela, ali era frequentemente por conta da casa e se assim não fosse era para pôr na conta que eu depois

pago, e assim, a crédito, mandou vir um prato de batatas fritas para petiscar, obviamente acompanhado de uma cerveja de meio litro.

Na esplanada, alguns conhecidos espalhavam-se pelas poucas mesas existentes, Baby fez questão de os cumprimentar antes de se sentar à mesa de Andrei Sobolani, também ele acompanhado de uma cerveja. Era graças a Andrei que Baby partiria de novo para França, tinha sido ele a arranjar-lhe o trabalho que ele começaria no início de Dezembro. Cerveja puxa cerveja, conversa puxa conversa, amigos e conhecidos vão chegando e partindo, e a noite ia agora caindo, Andrei já tinha partido e os lugares eram agora ocupados por alguns amigos de farra, sempre presentes enquanto houvesse dinheiro para gastar e festa para fazer. Baby, de conta aberta no café da irmã, não dela, mas onde ela trabalhava, ia acumulando copos, ficavam na conta que ele enviaria dinheiro para pagar no final do seu primeiro mês de trabalho, o jantar também, um hambúrguer com batatas fritas e mais uns petiscos para irem ensopando bem os litros de cerveja que se vão enchendo no depósito do seu estômago, amanhã de manhã o autocarro passará para o recolher à porta de casa e para

esquecer o tempo que ficará longe da sua Roménia nada melhor que beber e fazer a festa. A noite de Baby correu-se assim, no café, até fechar, depois, uma última passagem pelo casino, nunca se saberá se a sorte chegará e por milagre dos deuses a viagem seja para sempre anulada. Sentado em frente às máquinas, de copo na mão e sorriso parvo na cara rosada de olhos semiabertos Baby gastava os seus últimos leis nessa tentativa vã de enriquecer divinamente e terminada a última moeda, terminadas as luzes cintilantes, vibrantes, hipnotizantes das máquinas, terminada essa última moeda e sem mais para brincadeiras Baby voltou a casa na companhia de alguns amigos, esses por seu lado, ainda com algum dinheiro no bolso que amanhã também seria dia, carregando pelo o caminho mais umas cervejas. A farra continuou na cozinha de Baby de tal maneira fumaçenta que até picava os olhos a quem por azar, ou por loucura lá entrasse, entre cervejas, cigarros e canções, a noite foi-se esfumando, dando lugar a um tímido Sol ainda meio adormecido que lá se ia levantando, a custo, por detrás dos prédios de Odobesti. No meio daquele bruar de fim de noite na cozinha de Baby ouviu-se um telefone tocar e por um momento

fez-se silêncio, terminada a chamada, nova risada, no meio de abraços e desejos de boa viagem, Baby foi ao quarto, a mala estava arrumada junto ao armário e o autocarro esperava-o lá em baixo.